

O QUE SE CHAMA UMA QUESTÃO “LITERÁRIA”... EM PORTUGAL

EXPLICAÇÃO AOS MEUS LEITORES SOBRE AS AFIRMAÇÕES
DE UM ARTIGO DO SR. FIDELINO DE FIGUEIREDO :: ::

Entro no assunto—com infinita repulsão. Acho uma delícia discutir ideias: pessoas, porém, jamais discuti. Mas salta-me à frente o sr. Figueiredo, que pensa ao invés; responde à crítica literária com o ataque pessoal, porque (diz êle) não quer ver-se «na situação desairosa de defender a sua inteligência, a clareza das suas ideias, a justiça e a boa fé dos seus juízos». E dá-se por crítico êste senhor, —como se acaso o método crítico não consistisse, precisamente, no que êle considera como um desaire: mostrar a clareza das nossas ideias, a justeza dos nossos juízos, a evidência do nosso pensar!

Tive que escrever para a *Lusitânia*, sobre um livro do sr. Figueiredo, uma nota crítica. Fi-lo aliás sem nenhum prazer, obrigado da função que exerço ali. Tracei uma crítica objectiva, documentada, e (ao que me disseram) *com evidente benevolência*, menos condenatória do que devia ser. A justiça, com efeito, exigia rigor muito maior. Antes de se imprimir, leram-na um crítico dos mais ilustres e dois professores universitários, da maior gravidade e distinção, afim que expungissem do meu escrito a menor palavra que lhes soasse mal. Todos três, sem discrepância, nada acharam que modificar, chamando áquilo uma justa crítica, —correcta, documentada, objectiva e imparcial.

A isso, porque lhe conveio, chamou «verrina» o sr. Figueiredo; e não respondeu no terreno da crítica, diz êle, porque ideias suas não as discute—fundamentando êste arbítrio estranho numa certa frase de Guerra Junqueiro, onde êste declara que não discute (como é natural) o *valor literário* das suas obras.

Esqueceu-se o sr. Figueiredo, neste passo, de duas cousas:

1.ª—que se não trata no nosso caso do *valor literário* das obras suas: não há aí uma questão *de gosto*, que um poeta, ou quem quer que seja, se pode negar a discutir; o assunto aqui era *de ideias*: era a justeza, a coerência, a exactidão, de certas ideias (ou pseudo-ideias) que êle expendeu;

2.ª—que Guerra Junqueiro era *um poeta*, e não *um crítico*. O sr. Figueiredo, repito, não se apresenta como um *poeta*: não lhe exigimos, porisso mesmo, que faça poemas; apresenta-se como um *crítico*: e um crítico de qualquer espécie que não discute as suas ideias, não examina as suas teses, não argumenta uma opinião—é um cavaleiro que não cavalga, um astrónomo que não calcula, um sapateiro que não faz botas, um marítimo que não navega, um legislador que não quer lei: em suma, um crítico que não é crítico. Nunca, desde que é mundo êste vasto mundo, um cavalheiro que se diz crítico achou «desairoso» discutir ideias. Mas êste é um crítico que abomina a crítica; que acha desonroso o processo crítico; e que só opõe à crítica alheia—o desvairamento e o palavreiro.

Não: eu não quisera responder áquilo. Aquilo, num país civilizado, seria um suicídio intelectual: porque significa, sem dúvida alguma, a mais rematada confissão de incapacidade intellectiva que nos seria dado imaginar. Não: eu não quisera responder áquilo; mas nesta terra, em Portugal, é necessário responder. Estamos (como disse ha mais de um século o cavaleiro de Oliveira) numa «fermosa estri-varia». Vençamos o engulho, e vamos lá. Aperta-se-me o coração. Que maneira de discutir! No que êste senhor me foi meter!

Alega em resumo o sr. Figueiredo, pelo que respeita á minha pessoa:

1.º—que lhe seria facil, a êle, destruir a «máquina de sofismas» que é a crítica que publiquei;

2.º—que me move o despeito e o ódio político;

3.º—que não é possível tirar desfôrço do que se diz na «Lusitânia»—em artigos *assinados*—porque dirige a revista uma Senhora;

4.º—que traiu amigos (o «amigo» é êle);

5.º—que sou de asiática mentalidade, e não irmano com o sr. Figueiredo,—nem na raça, nem na moral, nem na religião.

E afóra isto, palavões,—que lhe não devolvo, claro está, pela simples razão de que não teem estilo, e porque trago argumentos de maior valor. Entro no assunto, repito, com infinita repulsão. Mas faz insinuações o sr. Figueiredo, e quero que no espirito dos meus leitores (cujá grandíssima maioria, claro está, me não conhece) não fique a sombra duma dúvida a respeito da minha pessoa.

Primeiro ponto. Poderia êle, sr. Figueiredo, destruir a minha crítica. Quem crê em tal? Nem êle, *nem ninguém*. Repito: *ninguém*. Ninguém refuta o que ali está. Desafio quem quer que seja,—nacional ou estrangeiro,—a tentar a refutação. Impossível! Ficou provado por *a + b* que para trabalhos de inteligência crítica, o sr. Figueiredo, até hoje, se tem revelado um incapaz. Demonstração para todo o sempre,—e tão rigorosa, tão granítica, como a da fórmula do binómio ou a do teorema de D'Alembert. Perca a esperança o sr. Figueiredo. O que ali está, ali ficou. Contra áquilo, e para intellectuais, nenhum tentame logrará valer. É geométrico,—é fatal. E poderei levar o mesmo destroço a *todas* as obras que o sr. Figueiredo até hoje publicou, se me aprouver...

(De futuro, porém, se quiser ouvir os bons conselhos, trabalhar sólida e conscienciosamente, e escolher emfim um campo de estudos para que tenha reais aptidões,—podrá ser útil e merecer louvor).

Perante a minha argumentação, eis o que ocorreu ao

r. Figueiredo: buscar cartas. Sim: as cartas que lhe escreveram, com as amabilidades que são do estilo, não sei que benévolo cidadão. Santo Deus! Guardai as cartas! Perante os homens inteligentes não destroem o que se *demonstrou*. O sr. Figueiredo não faz ideia, pelo visto, do que vem a ser para uma cabeça lúcida a força invencível da *demonstração*!

As cartas! Sabemos todos o que isso é. A qualquer celebridade de nação estrangeira um autor oferece uma obra própria, com dedicatórias para lhe agradar: «Ao genial Fulano, etc. e tal». O estrangeiro não lê a obra, mas responde amável...

Pronto: um atestado de gênio autêntico para embasbacar a nossa grei. «Lêste Sicrano?» — «Não li; mas parece que tem valor; diz que o Ferrero lhe escreveu uma carta...»

Há anos (começava então o sr. Figueiredo a sua carreira de escritor) encontrámo-nos nós, por acaso, na Sociedade de Geografia. Trazia êle, debaixo do braço, um maço de exemplares de um folheto seu. Ofereceu-me um. Abri, e vi um cartão com dedicatória, em francês. Percebendo que houvera engano, restitui o volume ao sr. Figueiredo, que o trocou. O cartão fora impresso assim:

FIDELINO DE FIGUEIREDO

DIRECTEUR DE LA BIBLIOTHÈQUE DES ETUDES HISTORIQUES
PORTUGAISES

O estrangeiro supunha-o, visto o cartão, o primeiro historiador de Portugal. «Biblioteca de Estudos Históricos» era o título colectivo que o sr. Figueiredo decidira dar, previstamente, a uns folhetos que publicou. Este director de si mesmo fazia lá fora um figurão.

Depois, as traduções. Alegam-se também as traduções. Sabemos outrossim como isso é. As *Características da Literatura*, de sua ex.^a, traduziu-as em inglês um primo meu, a pedido do sr. Figueiredo, a quem eu o apresentei. O que lhe custou, coitado, traduzir disparates tais!

Quando eu dirigia a revista *Serões*, pediu-me o sr. Figueiredo a publicação duma noticiazinha. Depois, a um seu conhecido que também o era meu, manifestava surpresa summa: os *Serões* falavam nele! quem poria aquilo nos *Serões*?

Eu sei como se conquista a celebridade no estrangeiro. Conheço os pormenores da sua viagem ao Brasil, na faina sôfrega de conquistar laureis. Eu sei!

Segundo ponto. O ódio político, o despeito! Ninguém crê tal. É vaidade infinita, de-certo, supôr que o invejam! E depois,—inveja porquê? Não sou crítico de literatura (sou-o na *Lusitânia* por acidente). Se houvesse de ter despeito,—com quantos outros, antes dele, não teria eu de me medir! Quando pegam numa pena crítica,—Raúl Proença, Reynaldo dos Santos, Vieira de Almeida, Avelino de Almeida, Camara Reys, Hernani Cidade, Bourbon e Menezes, Brito Camacho, Vieira de Campos, Matos Sequeira, Castelo Branco Chaves, Carlos Selvagem, Hemetério Arantes,—ficam todos superiores a êle,—muitissimo superiores a êle. O que aliás não é honra nenhuma. Se há por aí quem o considere um crítico, é por amabilidade pessoal ou política, em uns; e em outros, porque êste país é um país bárbaro, sem verdadeira cultura intelectual.

Ódio político? Tantos monárquicos são amigos meus! E depois, se eu quisesse atacar o princípio monárquico, não

nele próprio, mas numa pessoa (o que de-certo não faria nunca) havia de escolher, como era lógico, uma personagem representativa, e não um monárquico por exclusão de partes, que foi de jacobino a realista depois de sem êxito tentar fortuna, sucessivamente, nos vários partidos da República!

Vamos adiante. Que discussão!

Terceiro ponto. Sentiu-se inibido o sr. Figueiredo de redarguir ao que escrevi, porque se deu o crime na *Lusitânia*, onde está uma senhora na direcção. Foi por isso que não refutou. Com Senhoras, o cavalheirismo do sr. Figueiredo vai a requintes infinitesimais. Viu-se isso, não haja dúvida, na carta de sua ex.^a para o *Correio da Manhã*!

Quarto ponto. A traição que lhe fiz.

Até hoje, com duas únicas pessoas eu cortei relações: uma das quais o sr. Figueiredo,—de quem, aliás, nunca fui amigo. Ouvia-o com amabilidade, dava-lhe conselhos e informações. Nada mais.

Quando rebentou o Dezembrismo, o sr. Figueiredo, não sei porquê, apareceu chefe de gabinete do ministro da instrução. Concebeu uma lei para se fazer doutor e diz-se que um parecer favorável da Faculdade, não ouvida sequer. Tão pouca ligação havia entre nós, que foi por intermédio de um amigo meu, o primeiro-tenente Sebastião da Costa, que me fez saber que me desejava falar. Falámos. Pediu-me duas coisas o sr. Figueiredo, invocando o meu patriotismo, as responsabilidades da minha crítica. Era a primeira uma sindicância á Biblioteca Nacional, para a reformar; era a segunda um relatório, para o *Diário do Governo*, a atacar o método de João de Deus e a preconizar o de Montessori (o sr. Figueiredo, nessa época, detestava o filho de João de Deus, o sr. João de Deus Ramos, e pretendia assim fazer-lhe mal). Respondi, pelo que respeita ao primeiro ponto (o da Biblioteca) que iria estudar; e quanto ao segundo, que não escrevia, por mil razões, explicando ao mesmo tempo que aqueles dois métodos de que falava, tendo objectos muito diferentes, não se podiam trocar entre si. Para uma coisa era Montessori, e para outra João de Deus. Tivesse paciência; não escrevia.

Estudado o problema da Biblioteca, opinei contra a sindicância. O director, Faustino da Fonseca, adoeceu gravissimamente, e pouco mais poderia viver. Restava pois, para o caso, o collocá-lo noutra função onde a sua ausência não fizesse mal, e pôr na Biblioteca *the right man*, dando-lhe ordem, e poderes, para operar a reforma. O *right man* era Raúl Proença, que estudara o assunto profundamente, como depois toda gente viu.

O sr. Figueiredo, quando lhe disse isto, mostrou entusiasmo pelo meu plano, fez o elogio de Raúl Proença, e disse-me que iria preconizar a ideia, com todo o empenho, ao ministro da instrução (o dr. Alfredo de Magalhães).

E nunca mais me falou em tal. A sindicância sempre se fez, por outra pessoa que não eu. Faustino da Fonseca foi transferido, e nomeado para o substituir o sr. Figueiredo. E chegou-me aos ouvidos que se rosnava, não sei por onde, que a minha pessoa, mal o Dezembrismo triunfou, correria ao ministro da instrução a pedir-lhe um lugar para um amigo meu. O rumor era melindroso, pelo facto de a Raúl Proença não ser simpática a «República Nova». Resolvi, perante isto, explicar-me com o respectivo ministro, que eu nunca vira. Encontrei no caminho António Arroyo, que me acompanhou.

Na ante-câmara, entre outros, lembro-me de que estavam Leonardo Coimbra e o professor Graça, do Porto. Veio ter comigo o sr. Figueiredo. Pedi-lhe então que entrasse comigo, quando eu fôsse admitido ao gabinete ministerial. Respondeu-me, muito excitado, que não podia; que precisava de sair já; que eu estava pensando em o perseguir; que eu era impellido (sabia-o bem) pelos seus inimigos figadaís, o professor Silva Teles e o dr. Reis Santos. Retruquei-lhe que se acalmasse; que eu lhe não queria mal nenhum; que nem o professor Silva Teles, nem o dr. Reis Santos, diante de mim, se tinham revelado inimigos seus. O sr. Figueiredo insistiu que sim, que o eram; que sabia bem o que me levava ali: o não ser nomeado Raúl Proença, o não se ter feito como eu dissera. Asseverou-me que êle, sr. Figueiredo, empenhara-se muito por tal solução; que suplicara a nomeação de Raúl Proença; mas o ministro, teimoso, repeliu tudo, insistindo tanto por o nomear a êle, sr. Figueiredo, que enfim aceitara para o não maguar. E estava com pressa; — e lá foi.

Minutos passados, estava eu na presença do dr. Magalhães. Expliquei-lhe ao que vinha; que não propusera Raúl Proença para favorecer um amigo meu, mas por ser essa, ao que cria, a solução mais útil ao interesse nacional. O ministro ouvia-me abismado; e redarguiu:

«—Eu, sr. Sérgio, mandei consultá-lo nessa questão; mas não soube a resposta que a ela deu; nunca me falaram no Raúl Proença; e dei o lugar ao Fidelino—porque o Fidelino mo pediu».

E vejam agora como sou mau: para não fazer mal ao sr. Figueiredo, não disse ao sr. ministro que o sr. Figueiredo, minutos antes, me contara o contrário do que êle contou.

Dias depois, o sr. Fidelino de Figueiredo ia prevenir o professor Silva Teles (o seu «inimigo») de que eu, abusando da confiança daquele senhor, fôra ao ministro para protestar, em meu nome e no nome dele, Silva Teles, contra a nomeação do sr. Figueiredo para a Biblioteca Nacional.

Contou-me isto o professor Silva Teles, porque, apesar de não crer no sr. Figueiredo, entendeu (e muito bem) que devia interogar-me sobre o caso.

Passou tempo. Um dia, o meu amigo Alvaro Pinto encontra por acaso na livraria Ferreira—o sr. João de Deus Ramos, que lhe fala indignado contra mim. E porquê? Porque eu, no tempo de Sidónio Pais, quisera fazer-lhe mal. Responde-lhe Alvaro Pinto que era tal coisa um impossível; que eu nunca falara com Sidónio Pais, nada tivera com o Sidonismo. João de Deus retrucou que sim, que lho dissera quem bebera do fino, um partidário de Sidónio. Pois quem? O sr. Fidelino de Figueiredo!

Foi Álvaro Pinto quem mo contou.

E foi por isto que «traí o amigo»; foi por isto que lhe deixei de falar. Mas nada disto, evidentemente, influiu na minha crítica, que é objectiva e imparcial.

Quinto ponto: a minha asiática mentalidade; o não ter de comum com o sr. Figueiredo—nem a moral, nem a raça, nem a religião.

Aqui sim, que há muita verdade. Concorde quanto à moral, e concorde quanto à religião—se o sr. Figueiredo, hoje, por se ter filiado na Monarquia aderiu também à Igreja Católica,—se bem que o folheto das *Características*, no incrível capítulo sobre o *Misticismo*, trace o retrato do homem místico com todos os caracteres da idiotia.

Pelo que respeita, agora, à minha mentalidade,—o

termo «asiático» foi infeliz, demonstrando assim, uma vez mais, a incapacidade crítica do sr. Figueiredo. A imaginação riquíssima do oriental, a sublimidade do seu génio místico, a profundidade na metafísica, o estilo policromo e exuberante,—não são por certo o que me distingue a mim; e nada tendo dêsses dons magníficos, busco que ao menos me não falem de todo as virtudes clássicas do europeu: a clareza, a eurtmia e a architectónica intelectual.

Mas o sr. Figueiredo embicou na Ásia, e cuidou entender donde a coisa vem. Nasci na Índia (sabei, ó Pósteros!) porque meu pai, na ocasião, era ali governador. Percebe-se agora aonde visa o crítico: quer insinuar que sou indiano, não só de geografia mas também de raça, cuidando que assim me faz desprimor. Engana-se aí o sr. Figueiredo: sem que tire do facto a menor vaidade (pois muito admiro o esplendor da Ásia) todo o meu sangue é europeu puríssimo; isso, porém, não resolve o problema da mentalidade, porque não é possível dos avós de um homem deduzir a mentalidade que lhe coube em sorte: e assim eu, por exemplo, não creio que herdasse do avô paterno (o almirante Visconde Sérgio de Sousa, heroi do Cabo de S. Vicente, perceptor militar del-rei D. Luís) nem tampouco do bisavô materno (o general Henrique Carlos Henriques, de quem o biógrafo do Marquês de Pombal, o historiador Francisco Luís Gomes, escreveu também a biografia, e a quem chamaram os que disso entendem o Duarte Pacheco do século XVIII e o último conquistador da Índia)—de nenhum herdei, dizia eu, a sua vincada mentalidade de homem de acção excepcional; nem talvez pela estirpe do sr. Figueiredo (diversa da minha, conforme diz) se possa explicar de maneira clara o horror à crítica com que nasceu.

Acabou! Que discussão! Sr. Figueiredo: se acha desairoso o vir discutir, como diz, as suas ideias,—não as discuta; quero deixar-lhe uma saída airosa: discuta as minhas. É um crítico: critique-me. Por muito que me custe discutir com o sr., depois do que fez, aceitarei êsse sacrifício pela cultura de Portugal: prometo responder-lhe serenissimamente, no puro terreno das ideias críticas. É sempre tempo de se converter um homem. Creio bem que poderá salvar, ainda assim, a honra intelectual do seu convento crítico,—se aceitar esta solução.

ANTÓNIO SÉRGIO.

P. S.—O meu artigo na *Lusitânia* há mais de três meses que saiu. No *Correio da Manhã* e no *Dia* publicaram amigos do sr. Figueiredo dois artigos anónimos contra mim. Outros desejou de outras pessoas, que os não deram (o sr. Figueiredo, para quem é desairoso defender êle próprio as suas ideias, acha natural desejar que os outros lhas defendam). A carta que veio inserta no *Correio da Manhã* (18 de junho) foi provocada, ao que parece, por uma *Nota da Redacção* no último número da *Lusitânia*, a qual por engano da tipografia saiu com o meu nome, mas não foi redigida por mim, como num *Erratum*, se declarou. Neste *Erratum*, (a pag. 491) o sr. Figueiredo não fez reparo, porque é seu costume não reparar. O desvairo, a distracção, a incongruência, o psitacismo,—são os seus rasgos como escritor. E' de-certo um doente; mas um doente que não procura vencer-se, como fazem todos os que escrevem bem. Digo-o, creiam-me, com o desejo sincero de o ver sarado. Se assim succeder, a minha crítica terá sido benéfica, não só para os leitores, mas também para êle.

Quanto à secção crítica da *Lusitânia*, pretende habitar os nossos jovens a distinguir o bom do mau pensar; e ela, e eu, adoptamos a máxima do Florentino:

Segui il tuo corso, e lascia dir le gente!

A. .S